

**Artigo**

**CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS**

**CHARACTERIZATION OF FOOD AND PROVISION OF LOW NUTRITIONAL VALUE FOODS EARLY IN LIFE: RELATIONSHIP WITH SOCIOECONOMIC VARIABLES**

Mariclaudia Possato<sup>1</sup>  
Maria Eduarda Holzer Duda<sup>2</sup>  
Angélica Rocha de Freitas Melhen<sup>3</sup>  
Daniele Gonçalves Vieira<sup>4</sup>  
Thiécla Katiane Osvaldt Rosales<sup>5</sup>  
Catiuscie Cabreira da Silva Tortorella<sup>6</sup>

---

<sup>1</sup> Nutricionista pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO

<sup>2</sup> Nutricionista pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Residente na Residência em atenção primária com ênfase em Saúde da Família da Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO

<sup>3</sup> Nutricionista pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Doutora em Gastroenterologia da Universidade de São Paulo (Unifesp). Docente do curso de Nutrição na Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO

<sup>4</sup> Nutricionista pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Doutora em Química pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Docente do curso de Nutrição na Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO

<sup>5</sup> Nutricionista pela Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO. Doutora em Ciências dos Alimentos pela Universidade de São Paulo/USP. Pesquisadora no Departamento de Ciências dos Alimentos e Nutrição Experimental, Faculdade de Ciências Farmacêuticas, Universidade de São Paulo, São Paulo, SP, Brasil

<sup>6</sup> Nutricionista pela Universidade Federal de Pelotas/UFPEL. Doutora em Saúde da Criança e do Adolescente/UFPR. Docente do curso de Nutrição na Universidade Estadual do Centro-Oeste/UNICENTRO



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

**DOI: 10.29327/213319.23.6-2**

Páginas 11 a 27

## Artigo

**RESUMO** - Objetivo: Caracterizar a alimentação complementar e avaliar a introdução de alimentos de baixo valor nutricional de crianças menores de dois anos frequentadores de centros municipais de educação infantil da cidade de Guarapuava-PR, relacionada com variáveis socioeconômicas. Métodos: Estudo transversal descritivo, feito com 87 pais e/ou responsáveis de crianças menores de dois anos, que responderam ao Formulário de Marcadores de Consumo Alimentar do Ministério da Saúde (2015) e um questionário sobre questões socioeconômicas. Resultados: Verificou-se maior consumo de bebidas adoçadas entre as crianças cujas mães tinham menor escolaridade (66, 7%,  $p=0,028$ ) e menor renda (56, 8%,  $p=0,038$ ), o consumo de macarrão instantâneo, salgadinhos de pacote ou biscoitos salgados foram mais relatados entre crianças cujas mães apresentavam ensino fundamental completo ou incompleto, (61,9%,  $p=0,003$ ). As verduras em folhas foram consumidas por 29, 9% ( $n=26$ ) das crianças e 29, 9% ( $n=26$ ) dos entrevistados ofertaram hambúrguer ou embutidos à criança. Conclusões: Observou-se que os fatores socioeconômicos influenciam na alimentação infantil e, que a oferta de alimentos de baixo valor nutricional é maior entre crianças cujas famílias apresentam menor renda e menor escolaridade.

**Palavras-chave:** alimentação infantil, alimentação complementar, fatores socioeconômicos.

**ABSTRACT** - Objective: To characterize complementary feeding and evaluate the introduction of foods with low nutritional value for children under two years old attending municipal early childhood education centers in the city of Guarapuava-PR, related to socioeconomic variables. Methods: Descriptive cross-sectional study, carried out with 87 parents and/or guardians of children under two years of age, who responded to the Ministry of Health's Food Consumption Markers Form (2015) and a questionnaire on socioeconomic issues. Results: There was greater consumption of sweetened beverages among children whose mothers had less education (66.7%,  $p=0.028$ ) and lower income (56.8%,  $p=0.038$ ), consumption of instant noodles, snacks package or savory biscuits were more reported among children whose mothers had completed or incomplete primary education (61.9%,  $p=0.003$ ). Leafy vegetables were consumed by 29.9% ( $n=26$ ) of the children and 29.9% ( $n=26$ ) of those interviewed offered hamburgers or sausages to the



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

## Artigo

child. Conclusions: It was observed that socioeconomic factors influence children's nutrition and that the supply of foods with low nutritional value is greater among children whose families have lower income and less education

**Keywords:** infant feeding, complementary feeding, socioeconomic factors.

## INTRODUÇÃO

Os hábitos alimentares adquiridos nos primeiros anos de vida por meio da alimentação complementar (AC) repercutem na saúde da criança e conforme a Organização Mundial da Saúde (OMS), a alimentação apropriada nessa fase, envolve a prática do aleitamento materno exclusivo (AME) e a introdução de alimentos em período adequado<sup>1</sup>. A OMS destacou em 2013 que os primeiros mil dias da criança, período que vai desde a gestação até o segundo ano de vida, repercutem no crescimento e desenvolvimento da criança<sup>2</sup>.

A OMS orienta que o AME seja nos seis primeiros meses e após esse período, alie-se a AC adequada. O leite materno (LM) é um alimento balanceado em nutrientes e possui características fundamentais que garantem vantagens imunológicas e psicológicas para a criança<sup>3</sup>. Mesmo com as orientações da OMS, alguns fatores interferem no estilo de vida das famílias, como: a inserção da mulher no mercado de trabalho, baixa renda e baixa escolaridade, resultando na alteração dos hábitos alimentares e gerando impacto na alimentação infantil<sup>4,5</sup>.

A introdução de alimentos de baixo valor nutricional (ABVN) e o abandono precoce do aleitamento materno comprometem o desenvolvimento da criança, podendo haver o desenvolvimento de distúrbios nutricionais. Um estudo realizado com pais e responsáveis de 270 crianças matriculadas em creches na cidade de São Paulo mostrou que em 2/3 das crianças avaliadas, foram inseridos ABVN antes dos 12 meses de idade, por serem considerados práticos e saborosos<sup>6</sup>.

Referente aos alimentos ofertados nos primeiros anos de vida, ABVN não são recomendados nesta fase e o “Guia alimentar para menores de dois anos” traz quais são os alimentos que devem ser evitados nessa fase, como: açúcar, refrigerante, doces,



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

## Artigo

enlatados, embutidos e frituras<sup>7</sup>.

Entre os fatores relacionados com a introdução ABVN na alimentação de menores de dois anos destacam-se as variáveis socioeconômicas, como a baixa escolaridade da mãe e a baixa renda familiar<sup>8</sup>. Foi observado em um estudo, que mães com maior escolaridade tinham maior acesso à informação, em contra partida, as mães donas de casa davam mais atenção a alimentação da criança e conseqüentemente a criança possuía uma alimentação melhor<sup>9</sup>.

Diante do exposto, o presente estudo teve como objetivo caracterizar a alimentação complementar e avaliar a introdução de ABVN das crianças entre seis e 23 meses de idade frequentadoras de Centros Municipais de Educação Infantil (CMEI) da cidade de Guarapuava-PR e relacionar com fatores socioeconômicos.

## METODOLOGIA

Para realização da pesquisa foi obtida autorização da Secretaria Municipal de Educação, da Coordenação de cada CMEI e aprovação do Comitê de Ética em Pesquisas com Seres Humanos da Universidade Estadual do Centro Oeste (UNICENTRO). Os pais que aceitaram participar voluntariamente da pesquisa assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE).

Trata-se de um estudo transversal descritivo, realizado com 87 pais e/ou responsáveis de crianças com idade entre seis e 23 meses que frequentavam nove CMEI urbanos de Guarapuava/PR durante os meses de junho e setembro de 2015. Participaram do estudo os pais e/ou responsáveis de crianças matriculadas regularmente nos CMEI, abordados no final do turno escolar quando iam buscar seus filhos. As crianças que utilizavam transporte escolar não foram incluídas na pesquisa pela impossibilidade de entrevistar seus pais no ambiente escolar.

A coleta de dados foi realizada por acadêmicas do curso de graduação em Nutrição da UNICENTRO, previamente treinadas. Foram necessários dois dias em cada instituição para aplicação do Formulário de Marcadores de Consumo Alimentar do Ministério da Saúde (19) e questionário socioeconômico que visava coletar dados sobre o aleitamento materno e questões como renda familiar, escolaridade e estado civil da mãe.



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

## Artigo

Os dados foram compilados em planilha do Microsoft Excel® de 2010 e categorizou-se a renda familiar conforme a distribuição proposta pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sendo [1] até dois salários mínimos (R\$ 1449,0), [2] de dois a quatro salários mínimos (R\$ 1450,0 a R\$ 2899,9) e [3] acima de cinco salários mínimos ( $\geq 2900,0$ ).

Para a análise descritiva dos dados e obtenção dos percentuais da alimentação complementar domiciliar e a prevalência da introdução de ABVN na alimentação das crianças no dia anterior, observou-se a associação da oferta alimentar e a introdução de ABVN com as variáveis socioeconômicas, utilizou-se o software SPSS Statistics®, versão 20.0; empregou-se o teste Qui Quadrado, com significância de 5%.

## RESULTADOS

Foram inseridas no estudo 87 crianças de seis a 23 meses de idade, onde a maioria das crianças era do sexo masculino 54% (n=47), com média de idade de 16, 2 meses. A idade das mães e/ou responsáveis das crianças variou de 17 a 58 anos, com média de 28 anos (7, 7  $\pm$  DP).

A maioria das crianças, 52, 9% (n=46) encontrava-se na faixa etária de 18 a 23 meses, 26, 4% (n=23) com faixa etária de 12 a 17 meses e 20,7% (n=18) para a faixa entre 6 a 11 meses. Notou-se que entre os entrevistados, 82, 8% (n=72) eram mães e 17, 2% (n=15) eram responsáveis pela criança, principalmente avós. Quanto ao estado civil, a maioria das mães entrevistadas era casada 51, 7% (n=45), seguido das mães solteiras 25, 3% (n=22), em união consensual 17, 2% (n=15) e divorciadas 5,7% (n=5). A maioria das mães 39, 1% (n=34) tinha ensino médio completo ou incompleto. Em relação ao trabalho, 85, 1% (n=74) das mães trabalhavam fora do domicílio, colaborando com a renda da família. A renda familiar, em sua maioria 43, 7% (n=38), concentrou entre 2 a 4 salários mínimos (de R\$ 1.450,00 a R\$ 2.899,99).

Todas as mães das crianças que tiveram alimentação avaliada realizaram pré-natal e receberam orientações sobre AME em algum momento. No entanto, somente 19,5% (n=17) das mães relataram no momento do estudo, estar amamentando seus filhos. Quando questionadas sobre o motivo de interromper o AME, 19,5% (n=17) afirmaram que o leite materno era insuficiente, 18,4% (n=16) em função do trabalho ou estudos e



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

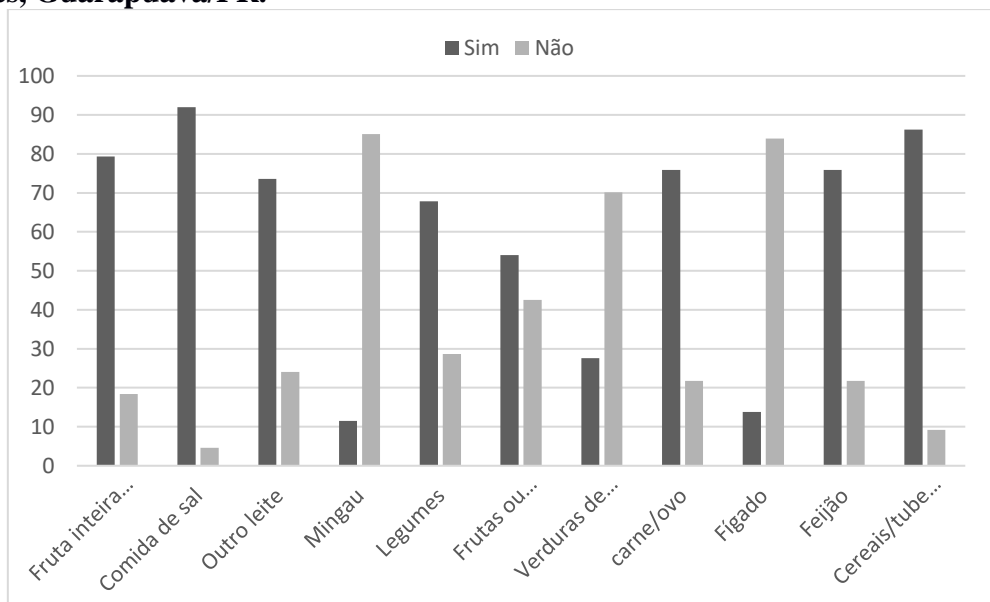
Páginas 11 a 27

## Artigo

16,1% (n=14) a criança rejeitava. Quando questionadas sobre a oferta de outro tipo de leite à criança, 52,9% (n=46) afirmaram que sim, sendo a fórmula infantil mais relatada, 84,8% (n=39). Em relação ao consumo de outro tipo de leite que não fosse materno, 73,6% (n=64) das crianças consumiram no dia anterior.

A Figura 1 demonstra a AC das crianças no dia anterior em seu domicílio e verificou-se que 79,3% (n=69) das consumiram fruta no dia anterior, seja em pedaço ou amassada, no entanto 54% (n=47) das crianças haviam consumido somente uma vez no dia, 20,7% (n=18) duas vezes e 6,9% (n=6) três vezes ou mais.

**Figura 1. Consumo alimentar domiciliar (dia anterior) de crianças entre seis e 23 meses, Guarapuava/PR.**



Fonte: elaborado pela autora do estudo.

Quando questionados sobre a oferta de comida de sal (de panela, papa ou sopa), 92% (n=80) das crianças haviam consumido no dia anterior. Entretanto, 37,9% (n=33) consumiram apenas uma vez, 40% (n=35) duas vezes e 17,2% (n=15) três vezes ou mais. A maioria dos entrevistados 65,5% (n=57) relatou oferecer alimentos em pedaços, 20,7%



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

## Artigo

(n=18) em consistência amassada, 3,4% (n=3) liquidificada e 5,7% (n=5) ofertava apenas caldo.

Sobre as hortaliças 67,8% (n=59) das crianças haviam consumido, sendo a cenoura a mais relatada. Quando as mães ou responsáveis foram questionados se a criança consumiu vegetal ou fruta de cor alaranjada ou folhas verdes escuras, 42,5% (n=37) disseram não ter ofertado esse tipo de alimento no dia anterior à entrevista. Verificou-se baixo consumo de hortaliças folhosas (alface, acelga, repolho), visto que 70,1% (n=61) das crianças não consumiram este tipo de alimento. Referente ao consumo de carnes ou ovos, 75,9% (n=66) das mães relatou que a criança consumiu algum desses no dia anterior. A presença de fígado na alimentação da criança foi relatada por 13,8% (n=12) das entrevistadas. O consumo de feijão foi de 75,9% (n=66) e os alimentos do grupo dos cereais foi de 86,2% (n=75).

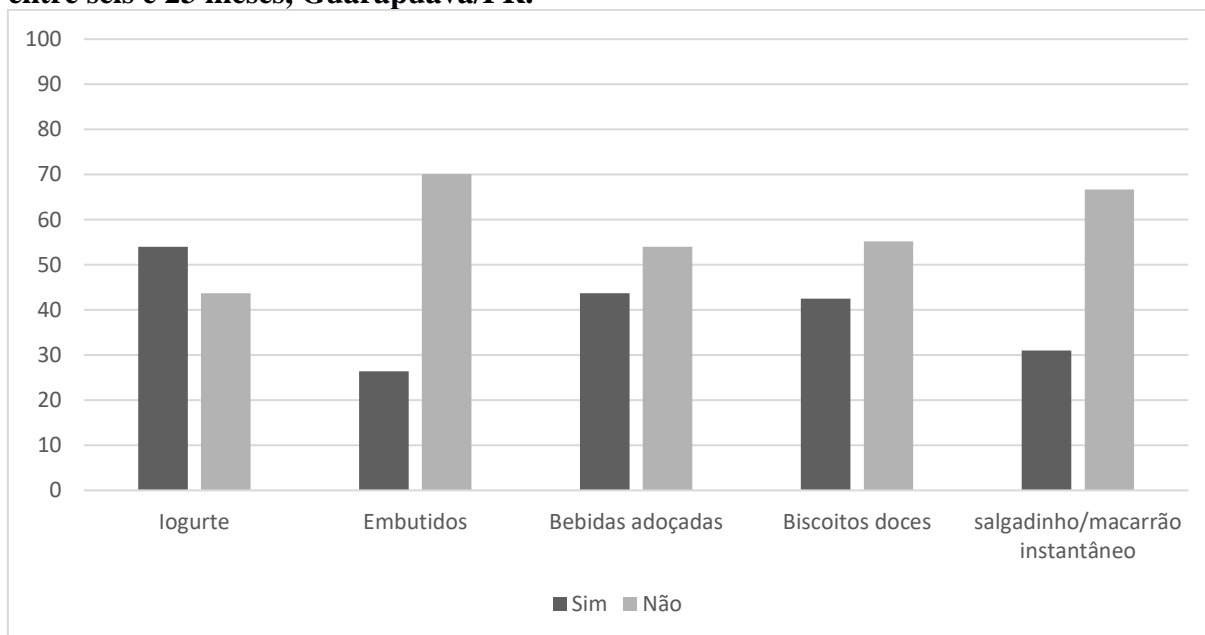
A Figura 2 apresenta a ingestão alimentar de ABVN pelas crianças de seis a 23 meses. O alimento mais citado foi o iogurte 54% (n=47), o hambúrguer e/ou embutidos (presunto, mortadela, salame, linguiça, salsicha) foi consumido por 29,9% (n=26) das crianças. As bebidas adoçadas foram consumidas por 46% (n=40). Já o biscoito recheado, doces ou guloseimas 44,8% (n=38) dos entrevistados relataram ofertar no dia anterior. A prevalência do consumo de macarrão instantâneo, salgadinhos de pacote ou biscoitos salgados foi de 31% (n=27).





## Artigo

**Figura 2. Consumo alimentar domiciliar (dia anterior) de ABVN\* de crianças entre seis e 23 meses, Guarapuava/PR.**



Fonte: elaborado pela autora do estudo. \*ABVN: Alimentos de Baixo Valor Nutricional.

Ao avaliar os indicadores socioeconômicos (renda familiar, estado civil e escolaridade da mãe) para verificar a existência de associação estatística com os dados referentes à alimentação, em relação ao estado civil da mãe, a oferta de hortaliças no dia anterior foi maior entre crianças cujas mães eram casadas (75%,  $p=0,007$ ), o consumo de vegetais ou fruta de cor alaranjada ou folhas verdes escuras também foi maior nesse grupo (61,4%,  $p=0,007$ ). O consumo diário de fígado entre as crianças estava baixo, porém o consumo desse alimento foi maior entre crianças de mães solteiras (31,8%,  $p=0,046$ ) quando se comparou aos demais estados civis. O consumo de ABVN conforme estado civil das mães das crianças não teve diferença estatística significativa (Tabela 1).





## Artigo

**Tabela 1. Caracterização da alimentação em domicílio de crianças menores de dois anos e associação com estado civil da mãe, Guarapuava-PR.**

	Solteira	Casada	União consensual	Divorciada	P Valor
<b>Hortaliças</b>					
Sim	68,2	75	64,3	40	0,007
Não	31,8	25	35,7	40	
Não sabe	0	0	0	20	
<b>Vegetal/Fruta alaranjada</b>					0,007
Sim	45,5	61,4	57,1	40	
Não	54,4	38,6	42,9	40	
Não sabe	0	0	0	20	
<b>Fígado</b>					
Sim	31,8	9,1	7,1	0	0,046
Não	68,2	90,9	92,9	100	

Fonte: elaborado pela autora do estudo.

Quanto à renda familiar, 61,9% (n=21) das crianças cujas famílias recebem até dois salários mínimos consumiram comida de sal apenas uma vez ao dia e crianças de famílias que recebem entre dois a quatro salários, 36,1% (n=36) consumiram no mínimo três vezes ao dia. Para as crianças de famílias com maior renda o consumo foi de duas refeições salgadas no dia (48%, p=0,002). O consumo de hortaliças foi maior entre crianças cujas mães possuíam renda de dois a quatro salários mínimos (78,4%, p=0,053). Houve diferença significativa entre renda familiar e consumo de hortaliças folhosas, onde as mães de menor renda são as que menos oferecem este tipo de alimento (95,5%, p=0,011), o que pode estar relacionado com o preço desses alimentos. As carnes ou ovos foram mais ofertados entre as famílias que ganhavam de dois a quatro salários mínimos (86,5%, p=0,011). As bebidas adoçadas tiveram maior consumo entre crianças das quais a renda da família ficava entre dois a quatro salários mínimos (56,8%, p=0,038). Para os outros indicadores avaliados não foi verificada diferença estatística significativa (Tabela 2).



## Artigo

**Tabela 2. Caracterização da alimentação em domicílio de crianças menores de dois anos e sua associação com a renda familiar, Guarapuava-PR.**

	Até 2 salários mínimos	2 a 4 salários mínimos	> 5 salários mínimos	P Valor
<b>Comida sal (vezes/dia)</b>				0,002
1 x	61,9	22,2	44	
2 x	38,1	41,7	48	
3 x	0	36,1	8	
<b>Hortaliças</b>				0,053
Sim	45,5	78,4	76	
Não	50	21,6	24	
Não sabe	4,5	0	0	
<b>Vegetal/Fruta alaranjada</b>				0,081
Sim	31,8	62,2	64	
Não	63,6	37,8	36	
Não sabe	4,5	0	0	
<b>Hortaliças folhosas</b>				0,011
Sim	4,5	40,5	28	
Não	95,5	59,5	72	
<b>Carne/ovo</b>				0,011
Sim	54,4	86,5	84	
Não	45,5	13,5	16	
<b>Bebida Adoçada</b>				0,038
Sim	45,5	56,8	24	
Não	54,5	43,2	76	

Fonte: elaborado pela autora do estudo.

Para escolaridade materna, verificou-se relação significava com o consumo de vegetal ou fruta de cor alaranjada ou hortaliças verdes escuras, sendo que as crianças que mais consumiram esses alimentos foram aquelas cujas mães possuíam maior escolaridade



## Artigo

(74,2%,  $p=0,035$ ). Em contrapartida, o consumo de bebidas adoçadas foi maior entre crianças cujas mães tinham menor escolaridade (66,7%,  $p=0,028$ ). Em relação ao macarrão instantâneo, salgadinhos de pacote ou biscoitos salgados, a maior ingestão foi entre as crianças cujas mães apresentavam ensino fundamental completo ou incompleto, com 61,9% ( $p=0,003$ ) (Tabela 3).

**Tabela 3. Caracterização da alimentação de crianças entre seis e 23 meses de idade e sua associação com escolaridade da mãe, Guarapuava-PR.**

	Ensino Fundamental C/I*	Ensino Médio C/I*	Ensino Superior C/I*	P Valor
<b>Vegetal/Fruta alaranjada</b>				0,035
Sim	33,3	51,5	74,2	
Não	66,7	45,5	25,8	
<b>Bebida Adoçada</b>				0,028
Sim	66,7	45,5	29	
Não	33,3	54,5	71	
<b>Salgadinho/Macarrão instantâneo</b>				0,003
Sim	61,9	24,2	19,4	
Não	38,1	75,8	80,6	

Fonte: elaborado pela autora do estudo.

\* C/I: completo ou incompleto.



## Artigo

### DISCUSSÃO

A interrupção precoce no do AM é frequente no Brasil, gerando consequências importantes para a saúde infantil. (10) Um estudo realizado em Campinas verificou que a escolaridade materna tem relação com o desmame precoce e, observou que quanto maior for o tempo de escolaridade da mãe, maior será a duração do AM<sup>11</sup>.

Em João Pessoa/PB foram avaliadas 63 crianças com idade entre seis a 23 meses e o estudo mostrou que 71% das crianças tiveram o AM interrompido precocemente<sup>12</sup>. Verificou-se em um estudo com 179 lactentes saudáveis de quatro e 12 meses de idade que não estavam mais em AM, que os maiores motivos para interrupção do AM foi a baixa produção de leite (16,7%) e a recusa da criança (8,4%)<sup>3</sup>. Dado semelhante ao presente estudo cuja maioria das mães relataram que a produção de LM era insuficiente para a criança.

Similar aos resultados de nosso estudo, outros pesquisadores avaliaram 4.957 crianças entre seis a 59 meses das regiões norte e nordeste do Brasil e notou baixo consumo de hortaliças e alto consumo de ABVN, onde o consumo diário relatado foi de 12,7% de folhosos, 21,8% de hortaliças, 24,6% de doces, 46,3% de biscoitos, 8,5% de salgadinhos e 22,1% de refrigerantes<sup>13</sup>.

A alimentação da criança depende de circunstâncias socioeconômicas e essa relação foi verificada em nosso estudo para as variáveis: renda familiar e escolaridade materna. Ao introduzir ABVN na alimentação infantil, o risco de comprometer o desenvolvimento e crescimento da criança, gerar distúrbios nutricionais, alergias e desencadear Doenças Crônicas Não Transmissíveis é maior<sup>8,9</sup>. O consumo de ABVN pode ser um dos fatores que determinam o avanço da obesidade infantil e, segundo National Health and Nutrition Examination Survey (NHANES) a obesidade na população brasileira aumentou de 5% para 12% em crianças menores de cinco anos entre os períodos de 1971-1974/2003-2006<sup>14,15</sup>.

Em 2014, avaliou-se a alimentação de 305 crianças de baixa renda do Distrito Federal, com idade entre um a cinco anos e constatou que 69,9% delas consumiam fruta diariamente, resultado semelhante ao nosso estudo<sup>16</sup>. Entretanto, quando avaliadas 359 crianças de seis a 35 meses em Aracaju, faixa etária análoga ao nosso estudo, o consumo de frutas e hortaliças esteve abaixo das recomendações<sup>17</sup>. O Guia Alimentar para Crianças menores de dois anos<sup>18</sup> dentre todas as suas orientações, estimula o consumo de frutas e



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

## Artigo

hortaliças diariamente, o que destaca a importância de esclarecer esse conteúdo para a população.

A oferta de alimentos saudáveis no presente estudo estava abaixo do recomendado, como as frutas que 6,9% das crianças consumiram a recomendação de três vezes ao dia. O consumo de frutas aumentou conforme maior a escolaridade materna, podendo estar relacionado com o melhor esclarecimento das mães em relação aos cuidados com seus filhos.

Uma pesquisa com 63 crianças com idade entre seis a 23 meses em João Pessoa mostrou que o leite de vaca (79%) e derivados lácteos (71%) foram os alimentos de maior consumo<sup>12</sup>. No presente estudo encontrou-se consumo alto de iogurte. Além de preço acessível, acredita-se que as mães o consideram prático e desconhecem que este alimento não é saudável.

O passo oito do guia alimentar salienta que os salgadinhos, açúcares e industrializados devem ser evitados nessa fase da vida<sup>18</sup>. Em nosso estudo observamos que os ABVN estão presentes na AC dos menores de dois anos e pode ser justificado pelo desconhecimento do guia, desinformação das mães de menor escolaridade, praticidade e baixo custo.

Na cidade de Frutal, avaliou-se 300 crianças com idade entre quatro a 12 meses e 80,2% das mães e/ou responsáveis ofereceram alimentos considerados supérfluos aos filhos e dentre os alimentos mais citados, o pirulito foi oferecido em 78,8%, seguido do refrigerante (65,6%), macarrão instantâneo (48,6%) e iogurte (45,5%)<sup>15</sup>. Ao compararmos com nosso estudo observou-se que a oferta foi maior entre as mães de baixa escolaridade.

O macarrão instantâneo, salgadinhos de pacote e biscoitos salgados são ricos em gordura vegetal hidrogenada e sódio, que os torna mais palatáveis. O consumo habitual destes alimentos favorece o surgimento de doenças cardiovasculares e obesidade. Os embutidos possuem quantidades elevadas de gordura saturada e sódio e tendem a ter maior preferência de consumo<sup>19</sup>.

As bebidas industrializadas adoçadas possuem grandes quantidades de açúcar e seu consumo em excesso eleva o risco de desenvolver obesidade, sendo que a energia que encontramos nesses ABVN pode ser adquirida de carboidratos complexos<sup>19</sup>. Acerca disso, deve haver conscientização das famílias sobre a importância de uma alimentação



## Artigo

saudável e diversificada na infância, pois são esses os hábitos que a criança necessita ter futuramente<sup>1</sup>.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

As limitações deste estudo foram a inviabilidade da inclusão da entrevista com os pais ou responsáveis das crianças entre seis e 23 meses que se deslocavam do CMEI ao domicílio com transporte escolar. Assim como a entrevistas com alguns familiares, como avós que desconheciam algumas informações sobre a alimentação das crianças.

Com esse estudo verificamos que os indicadores socioeconômicos influenciam na alimentação das crianças. Quando a renda familiar e escolaridade são baixas, os pais tendem a oferecer mais ABVN como iogurte, bebidas adoçadas, salgadinhos e ofertar menos alimentos saudáveis como hortaliças e frutas. Os ABVN são considerados mais práticos, porém os pais não percebem o quanto são prejudiciais para a saúde da criança. Para reduzir o consumo desses alimentos entre as crianças menores de dois anos, seria necessário que o governo expandisse as políticas públicas para promover a alimentação saudável das crianças, fazendo com que no futuro exista mais saúde entre a toda a população.

### REFERÊNCIAS

1. Junqueira, J. M., Navarro, A. M., Cintra, R. M. G. C., & Dias, L. C. G. D. (2008). Padrão alimentar de crianças brasileiras menores de dois anos: uma visão crítica. *Rev. Simbio-logias*, 1(2), 184-199.
2. Os primeiros mil dias. (2016, 13 de março). *Clínica Reviva Nutrição*. Recuperado de [http://revivanutricao.com.br/portfolio\\_page/os-primeiros-1000-dias/](http://revivanutricao.com.br/portfolio_page/os-primeiros-1000-dias/)



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

**Artigo**

3. Caetano, M. C., Ortiz, T. T., Silva, S. G., Souza, F. I., & Sarni, R. O. (2010). Complementary feeding: inappropriate practices in infants. **J. Pediatr.**, 86(2), 196-200.
4. Marques, R. F. S. V., Lopez, F. A., & Braga, J. A. P. (2004). O crescimento de crianças alimentadas com leite materno exclusivo nos primeiros seis meses de vida. **J. Pediatr.**, 80(2), 99-105.
5. Silva, L. M. P., Venâncio, S. I., & Marchioni, D. M. L. (2010). Práticas de alimentação complementar no primeiro ano de vida e fatores associados. **Rev. Nutr.**, 23(6), 983-992.
6. Toloni, M. H. A., Longo-Silva, G., Goulart, R. M. M., & Taddei, J. A. A. C. (2011). Introdução de alimentos industrializados e de alimentos de uso tradicional na dieta de crianças de creches públicas no município de São Paulo. **Rev. Nutr.**, 24(1), 61-70.
7. Brasil. **Ministério da Saúde. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. (2013). Dez passos para uma alimentação saudável: guia alimentar para crianças menores de dois anos: um guia para o profissional da saúde na atenção básica.** Brasília, DF: Ministério da Saúde.
8. Vega, J. B., Taddei, J. A. A. C., & Poblacion, A. P. (2014). Características sociodemográficas e nutricionais de crianças brasileiras menores de dois anos beneficiárias de programas de transferência condicionada de renda em 2006. **Ciênc. Saúde Coletiva**, 19(2), 931-942.
9. Simon, V. G. N., Souza, J. M. P., & Souza, S. B. (2003). Introdução de alimentos complementares e sua relação com variáveis demográficas e socioeconômicas, em crianças no primeiro ano de vida, nascidas em Hospital Universitário no município de São Paulo. **Rev. Bras. Epidemiol.**, 6(1), 30-8.



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

**DOI: 10.29327/213319.23.6-2**

Páginas 11 a 27



## Artigo

10. Beche, N., Halpern, R., & Stein, A. T. (2009). Prevalência do aleitamento materno exclusivo em um município serrano do Rio Grande do Sul, Brasil. **Rev. AMRIGS**, 53(4), 345-53.
11. Volpini, C. C. A., & Moura, E. C. (2005). Determinantes do desmame precoce no distrito noroeste de Campinas. **Rev. Nutr.**, 18(4), 311-19.
12. Ferreira, F. S. (2015). Consumo de alimentos impróprios por crianças menores de dois anos e suas possíveis consequências. **Rev. Universidade Vale do Rio Verde**, 13(1), 87-98.
13. Bortolini, G. A., Gubert, M. B., & Santos, L. M. P. (2012). Consumo alimentar entre crianças brasileiras com idade de 6 a 59 meses. **Cad. Saúde Pública**, 28(9), 1759-71.
14. Heitor, S. F. D., Rodrigues, L. R., & Santiago, L. B. (2011). Introdução de alimentos supérfluos no primeiro ano de vida e as repercussões nutricionais. **Ciênc. Cuid. Saúde**, 10(4), 430-36.
15. Radominski, R. B. (2011, 19 de outubro). Aspectos Epidemiológicos da Obesidade Infantil. **Rev. ABESO**, 49. [Acessado em 19/10/2014] – Disponível em: <http://www.abeso.org.br/pagina/337/aspectos-epidemiologicos-da-obesidade-infantil.shtml>.
16. Cavalcante, I. S. (2015). Frequência de consumo de alimentos marcadores de alimentação saudável e não saudável entre crianças de 1 a 5 anos em uma população de baixa renda no Distrito Federal. [Monografia]. **Universidade de Brasília, Brasília**. Disponível em: <http://bdm.unb.br/handle/10483/10781>; <http://bdm.unb.br/handle/10483/10781>
17. Filha, E. O. S., Araújo, J. S., Barbosa, J. S., Gaujac, D. P., Santos, C. F. S., & Silva, D. G. (2012). Consumo dos grupos alimentares em crianças usuárias da rede pública de saúde do município de Aracaju, Sergipe. **Rev. Paul. Pediatr.**, 30(4), 529-36.



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27

# Temas em Saúde

Volume 23, Número 6

ISSN 2447-2131

João Pessoa, 2023

## Artigo

18. Brasil. **Ministério da Saúde, Secretaria de Política de Saúde, Organização Pan Americana da Saúde. (2002).** Guia alimentar para crianças menores de dois anos. Brasília, DF: Ministério da Saúde.
19. Brasil. **Ministério da Saúde.** (2015). Orientações para avaliação de marcadores de consumo alimentar na atenção básica. [página na Internet]. 2015; 33. [acessado em 20/10/2015] – Disponível em:  
[http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/dez\\_passos\\_alimentacao\\_saudavel\\_guiia.pdf](http://bvsmms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/dez_passos_alimentacao_saudavel_guiia.pdf)



CARACTERIZAÇÃO DA ALIMENTAÇÃO COMPLEMENTAR E OFERTA DE ALIMENTOS DE BAIXO VALOR NUTRICIONAL NOS PRIMEIROS DOIS ANOS DE VIDA: RELAÇÃO COM VARIÁVEIS SOCIOECONÔMICAS

DOI: 10.29327/213319.23.6-2

Páginas 11 a 27